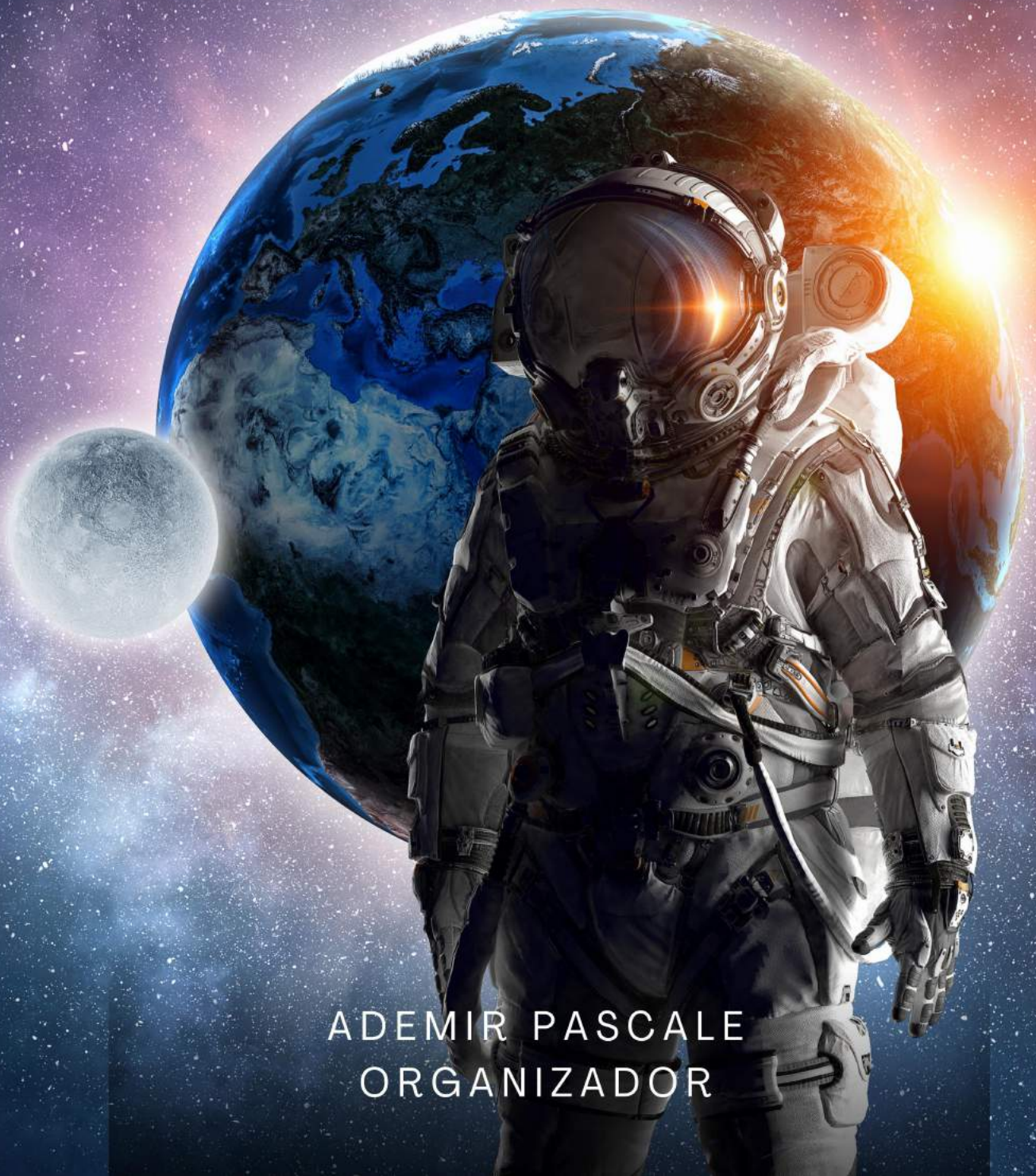
CONTOS E POEMAS

# UNIVERSO
## FICÇÃO CIENTÍFICA



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

# ADEMIR PASCALE

**Copyright © por Autores**
**Projeto editorial por Ademir Pascale**
**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores**
**Obra protegida por direitos autorais**
**Este e-book é parte integrante**
**da Revista Conexão Literatura**
**ISBN: 978-65-00-65163-8**
**2023**
**Patrocínio:**
**www.revistaconexaoliteratura.com.br**

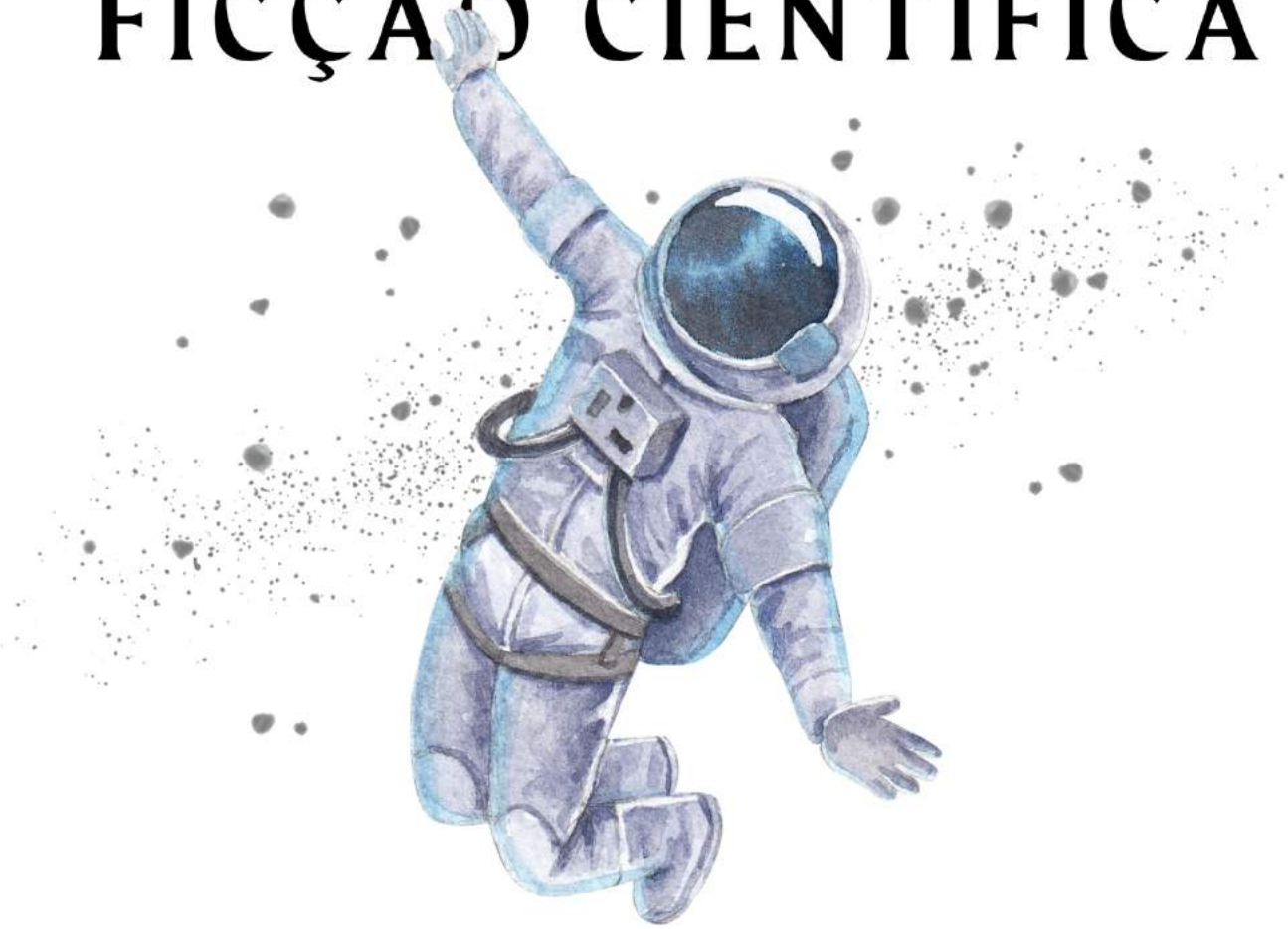
# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

O LUGAR DE ONDE VENHO, POR EDLEI SILVA, PÁG. 05
CAMALEÕES DA ÁGUA, POR LUANA MCCAIN, PÁG. 07
ELES ESTÃO VINDO!, POR MEIRE MARION, PÁG. 11
SACRIFÍCIO DE SANGUE, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 14
MARTE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 20
ESPAÇO-TEMPO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 22
ADEUS COMETA!, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 25
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 27

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

# UNIVERSO FICÇÃO CIENTÍFICA



APRESENTAMOS A CRÔNICA

# O Lugar de Onde Venho

## Por Edlei Silva

**Enfermeira, estudante do mestrado em enfermagem saúde materno-infantil na Universidade de Santiago de Cabo Verde. Amante da escrita, apaixonada pela natureza, fascinada pela arte de fotografar, defensora de um cuidado humanizado. Participante da Coletânea Brasil África pela Editora Baronesa.**

De certeza que venho de outro lugar. O lugar que fica a trilhiões de ano-luz da Terra. Onde a única forma de vida que existe não se identifica. De certeza que de onde venho não tem essa coisa de achismo e de machismo. Não se curva a meio de se diminuir. Não é preciso se rebaixar para poder se sobressair. O lugar que fica longe da via láctea, onde não existe galáxias. De onde venho não se guarda rancores nem se ouvi rumores. Não se perde os valores nem se implore por amores. De certeza que de onde venho não existe mal nenhum que incomoda a minha vida, nem vícios que possuem o meu corpo. Não há sentimentos descabidos nem preconceitos inapropriados. De onde venho não há brigas nem guerras mundiais, não há fome nem exploração infantil, não há corrupções nem misérias. Certeza que de onde venho não existe raiva nem ódio, não se cultiva o ciúmes nem se alimenta a inveja. O lugar de onde venho não tem indícios de terráqueos, não existe trevas nem escuridão. De onde venho não existe dificuldade nem tem desigualdade, não há desavença nem violência. Não existe dor nem sofrimento. Não há doenças nem feridas não sagradas. O lugar de onde venho não tem matança nem existe sanguinários. Nesse lugar não há pegadas de maldade nem vestígios do egoísmo. Não existe pensamentos erróneos nem atitudes equivocadas. De certeza que de onde venho não existe culpa nem se sente remorso. Não se critica nem és criticado. Não se cria expectativas nem se cai na decepção. Não se vive na incerteza nem se anda pelos caminhos do pecado. O lugar de onde venho não pertence a esse universo, talvez nem a outro. Esse lugar é o seu próprio universo. O lugar de onde venho para uns pode ser um lugar idealizado e para outros pode parecer um desejo irealizável.

APRESENTAMOS O CONTO

# Camaleões da Água

## Por Luana McCain

**Luana McCain nasceu na cidade de São Caetano do Sul, em São Paulo. Considera-se uma novelista dos gêneros: fantasia, terror e ficção-científica. É autora dos livros O Enigma do Guarda-Roupa, Ivy Wufnick e o Sacrifício do Chamado e Liga dos Renegados. E há muitos outros projetos esperando para tomar forma. Gosta de colecionar cérebros e os mantêm seguros de zumbis famintos – e de você também!**

Kira está sentada em uma das poucas cadeiras ainda em pé naquela lanchonete caindo aos pedaços, no final da Rua. Não ser pontual deixava Kira um tanto impaciente, mas ela tinha que engolir isso porque era a primeira cliente que contratou seus serviços após quase dois meses sem nenhum trabalho.

— Perdoe-me pelo atraso — disse a Ellyon. Kira nunca entendeu essas criaturas que por não terem forma, usavam de simulacros para se parecerem *humanos*, só para se ter um rosto completo gastava-se muito, fora os processos burocráticos, o que tornava o comércio ilegal mais lucrativo. A sua cliente só tinha a boca no rosto, lembrando muito aquele brinquedo antigo do Sr. Batata.

— Nada, moça.

— E então?

— Tá aqui.

Kira empurrou uma cabeça da SideralTech. Ela precisava ser rápida antes que fosse pega por um bit-policial. Ele, o rosto, era de um modelo inferior, e só tinha a função da visão porque para Kira o que mais compensava era somente essa parte — diziam seus clientes: “ver, para crer”, o resto era só ostentação para criaturas como essas. Ela adorava pegar casos assim. A cliente girou a cabeça com apenas a boca e pôs em seu lugar o rosto de modelo A-01, com olhos que brilhavam como esmeralda. Meio minuto depois, como em um gesto de enfurecimento, esmurrou a mesa, chamando a atenção dos outros clientes que se degustavam da comida fornecida pela GarbageTech, que também resolveu tentar um espaço no ramo alimentício. Entendido o recado da cliente, Kira fez menção para que o rosto lhe fosse devolvido e o jogou na sua surrada mochila.

Após a cabeça recolocada, a Ellyon empurrou um pacote na direção de Kira. No exato momento que ia pegá-lo, uma mão intrusa o fez primeiro.

— Mais um caso de mulheres que desconfiam de seus pobres maridos?

— O que você faz aqui?

Ele devolveu o pacote à moça.

— O que pensa que tá fazendo?

— Moça, você desembolsou tudo isso por um serviço meia-boca? Você mesma poderia ter feito isso sem precisar desembolsar nada. Não precisa ser um expert para perceber que ela manipulou...

— Tem como manipular...

— Sim, dona.

— Não acredito que fui enganada!

Ela pegou o pacote de volta e zarpou dali, chispando, sendo guiada pela sua bengala de quinta geração.

— Por que você fez isso, seu otário?

— Você ainda me deve.

— E por que não pegou a grana ao invés de devolver?

— Não gosto de ver cidadãos sendo enganados.

— Trepar com você não foi o suficiente?

— Isso só deu pra quitar 0,1% da dívida. Pelo jeito, você não anda tendo muito trabalho. Pelo visto, os bit-detetives estão crescendo nessa área.

— O que você quer?

— Só dar um bom dia.

Ele estendeu uma rosa a Kira, e percebendo seu desprezo, a pôs sobre a mesa. Antes de se afastar, disse:

— Você tem até o fim do mês. Ou sua cabeça estará a prêmio.

Ela ficou um tempinho encarando a primeira rosa não artificial e isso a fez lembrar do seu passado em que seu pai mantinha às escondidas uma estufa com variadas plantas até ser descoberto e sendo condenado à morte, após denuncia de sua mãe. Antes de Kira deixar a lanchonete, a previsão do tempo em seu Smart-Skin, no seu antebraço direito, indicou que uma chuva passageira passaria por ali assim que pisasse na calçada, e ela resmungou pelos gargalos que ele dava e por ser sempre avisada sobre a previsão na última hora e por não ter como trocá-lo por ser um *matéria escura* — assim eram chamados aqueles que tinham descendência da raça humana — teria que viver com essas imprevisibilidades. Ser informada de qualquer evento em última hora a deixava frustrada. Envolvida em seu casaco longo, à prova d'água, apressou os passos, esbarrando em um ombro aqui e ali. A chuva quando tocada a pele de um *matéria escura*, causava coceira por uma semana.

Com os fones, escondidos por seu cabelo artificial, cuspindo a música *Jump*, do Van Halen, em volume máximo, as mãos no casaco e uma parte do cabelo cobrindo o rosto, ela sabia que se fosse pega utilizando algum dispositivo do passado, era duramente penalizada pelo departamento de Correções Futuristas. Seu notificador X-2049, de quinta geração, vibrou em algum canto dos infindáveis bolsos do casaco. Abrigou-se em uma

marquise. No visor, havia uma mensagem do proprietário daquele muquifo que chamava de hotel, mas estava mais para um pardieiro, no qual morava há sei meses e estava com o aluguel super atrasado. Resolveu não responder. Assim que a chuva passou, continuou a andar para o único lugar que poderia ser acolhida naquela manhã cinza: embaixo da ponte H., que ligava sua cidade com a vizinha e onde servia de morada para os Arcaicos. Ela tinha muitos conhecidos por lá. Mas o trajeto para lá mudaria sua vida. Viu alguém mais à frente, cambaleando — só havia ambos naquela calçada.

Ela pensou que fosse mais um *matéria escura* que exagerou na dose, mas havia algo nele que chamou sua atenção. O desconhecido também usava um casaco longo, que se algum dia foi escuro, agora perdera sua real cor e parecia ter sido destroçado por milhares de traças rebeldes ao mesmo tempo. “Deve ser mais um babaca metido a bit-detetive”. Ele entrou em um beco sem saída. Kira cessou os passos na entrada e deu com o homem — era o que ela acreditava ser pela sua proporção corporal — deitado no chão, de costas para a entrada. Ela olhou para os lados antes de se meter no beco. Ela foi cautelosa em se aproximar. Com um pé, tocou a coluna do sujeito, que não respondeu. Novamente se utilizando do pé, trouxe a parte visível para si. O rosto estava coberto por uma faixa, com manchas vermelhas por toda a parte. “Não pode ser... isso é sangue? A única vez que vi, foi quando meu pai...” Ela reparou ainda que faltava algo naquele corpo: nove dedos, somente o anelar da mão esquerda estava intacto, com uma aliança personalizada de ródio negro grafado com uma única letra: O.

“Essa aliança me parece familiar...”

Ela logo pensou que essa atrocidade fosse obra de algum grupo do submundo.

Por um momento, Kira não conseguia sair do lugar. De repente, o corpo se mexeu e tentou falar, embora a faixa abafasse suas palavras.

Kira se aproximou, ficando de joelhos e pôs o ouvido perto do rosto.

O ser misterioso lutava para dar um último suspiro. Entre uma convulsão e outra tentava falar, mas continuava ininteligível o que era dito, nisso seu corpo foi amolecendo e Kira viu que ele começou a derreter tornando-se uma massa disforme, porém em seu derradeiro momento soou de forma clara suas últimas palavras.

*Não coma geleia!*

E Kira então se lembrou a quem pertencia aquele anel.

A P R E S E N T A M O S  O  C O N T O

# Eles estão vindo!

## Por Meire Marion

**Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis Charlie the Fish (2018), O primo do Charlie(2018), O menino que não sabia de onde veio (2021)Dois Gatinhos(2021) e THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.**

O alerta havia sido ativado, as pessoas tentavam apressadamente encontrar um lugar seguro para se esconder apenas para proteger a si e aos familiares. Um grupo de estudantes e eu encontramos uma velha cabana no meio da floresta. Parecia abandonada e detonada com certeza ninguém nos procuraria lá. Ninguém mencionou do que estávamos fugindo — apenas corremos. É peculiar como o ser humano tenta salvar sua vida quando sabe que um dia todos morreremos. Acho que é só que ninguém quer ser torturado até a morte.

Dentro da cabana, sob a escada assim que você entrava, apenas três degraus, houve um gemido baixíssimo que meus ouvidos captaram. Um dos alunos segurava um bastão enquanto eu levantava a tábua que tapava o buraco. Um velho surrado saltou gritando — Eles estão vindo! Eles estão vindo! Ele nos assustou muito, e nós caímos de costas no chão. Foi difícil acalmá-lo para questioná-lo sobre quem eles eram. — Senhor, de quem você está falando? Ele não teve tempo de responder. Enquanto ele gritava, seu dedo trêmulo apontou para a porta quando uma gigantesca aranha peluda e vermelha — semelhante a tarântulas, mas maior — rastejou para dentro; não apenas um, mas vários. — Eles! gritou o idoso.

A aranha o devorou rapidamente. Não havia para onde se esconder ou correr. Cada um de nós foi mordido por uma aranha, mas ao contrário do velho, apenas caímos em um sono profundo.

Quando acordamos, estávamos em uma cidade próxima. Parecia uma cidade normal e as pessoas estavam cuidando de seus comércios. Como eu era professora, fui levada para uma sala de aula e instruída a fazer o meu trabalho. Foi mais forte do que eu. Eu queria questionar o que estava acontecendo, mas em vez disso, apenas ensinei uma aula e os alunos participaram milagrosamente e fizeram todas as atividades que lhes foi pedido.

Na hora do jantar, toda a cidade se reuniu em uma cozinha comunitária onde nos serviram carne vermelha e água para beber. A vontade de comer aquela carne vermelha quase crua me surpreendeu, pois até anteontem eu era vegetariana. No entanto, aquela refeição certamente acertou precisamente e satisfez minhas necessidades.

Após o jantar, fomos conduzidos aos nossos quartos. A noite foi muito dolorosa pois os corpos de todos se transformaram em gigantescas aranhas vermelhas. No entanto, pela manhã, voltamos ao nosso estado humano.

De manhã, acordei com o estômago roncando e ressecado, além de dores nas articulações e nos ossos. Acho que ser transformado em aranha não era um sonho, afinal. O café da manhã foi servido na cozinha comunitária, assim como o almoço e o jantar. No entanto, sempre a cidade era diferente. Parecia que estávamos em outro lugar. Como isso acontecia me surpreendia. Não havia tempo para eu entender toda a situação e, de fato, ninguém estava disponível para falar sobre isso. Todas as refeições eram carne vermelha e água.

Meu trabalho era ensinar. Eu notei que tinha dias onde havia alunos mais novos e alguns dos que estavam na sala de aula no dia anterior estavam faltando. Nenhuma pergunta deveria ser feita. No entanto, observei que depois do jantar, nos transformamos em outras criaturas, por exemplo, hamsters, gatos, cachorros e assim por diante. Só na primeira noite fomos transformados em aranhas. A cada dia isso acontecia e, pela manhã, acordávamos em uma cidade diferente.

Como a carne era escassa, havia um açougue voluntário onde as pessoas eram abatidas para que o resto de nós pudesse ser alimentado. Você poderia dizer que as pessoas estavam desaparecendo, então você não tinha certeza se havia experimentos acontecendo ou se as pessoas haviam se tornado o jantar naquela noite. Isso não me indignava, o importante era ter o alimento. Com certeza, o que me incomodava eram as dolorosas transformações.

Cansada de fazer a mesma coisa, comer a mesma coisa e não poder apenas aproveitar a vida, fui atraído ao açougue, embora não conseguia entender o porquê. Era como se alguma força magnética estivesse me puxando para dentro. Eu deveria saber que esse dia chegaria. Eu seria o jantar daquela noite. Esperando na fila, era como se eu tivesse sido libertado do feitiço que estava sob mim. Não seria a hora de lutar pela minha vida? Mas que vida era essa? Vazia. Repetida. Dolorida. Para meu horror, controlando tudo, havia pequenas criaturas cinzas com olhos roxos brilhantes escoltando as pessoas para dentro de um buraco gigantesco que emitia o som de um triturador.

APRESENTAMOS O CONTO

# Sacrifício de Sangue

## Por Roberto Schima

**Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônymo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista digital "LiteraLivre" Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos" etc. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.**

Era um refúgio isolado da guerra entre homens e máquinas.

Havia anos que o conflito de desenrolava, ora pendendo para os humanos — dotados de instinto, perspicácia, emoções, inventividade, adaptabilidade e livre arbítrio —, ora para os autômatos — mais fortes, sem sentimentos, infatigáveis, determinados, disciplinados, resistentes.

Entre ambos os lados, a grande vítima era a Terra: devastada, contaminada, quase estéril.

Uma guerra sem futuro, sem prêmio, sem vencedor.

Em frente à abertura do refúgio, admirando as montanhas, os vales abaixo, o rio e um trecho de floresta, ainda milagrosamente poupados, o garoto de doze anos deixou sua vista se perder naquele final de tarde, enquanto o Sol adiante ensaiava o rubro de mais uma despedida. As batalhas desenrolavam-se longe dali, mas o fragor dos combates podia ser ouvido às vezes. Luzes lampejavam. Rolos de fumaça subiam. Agora, porém, tudo estava calmo e o silêncio pesado era bem-vindo.

— Tudo tão quieto, pai.

— Sim, Luizinho. Deram uma trégua. Até as máquinas aprenderam o valor de um tempo para se reciclarem.

— É verdade que existiu uma época em que não havia a guerra?

— Dizem que sim. Eu não conheci e, você, muito menos.

— E haverá um tempo em que deixará de existir?

— Acredito que sim... Eu tenho esperança.

— Não precisar fugir ou se esconder...

— Assombroso, não é mesmo?

O menino tateava as perguntas, ciente da relutância do pai em tocar no assunto, embora ele tivesse participado das lutas e sido ferido em batalha. Hoje, no entanto, o velho caolho parecia menos agitado e preocupado. Não, não menos preocupado, mas mais resignado. Manteve-se reflexivo o dia todo. Estava tão perdido na linha do horizonte quanto o filho. Luiz gostaria de saber o porquê.

Sentados lado a lado na borda do penhasco, conforme habituaram-se a fazer ao término de cada dia, o menino falou:

— Pai...

— O que foi, meu filho?

— Como obteve o ferimento no peito?

Pronto, estava dito!

Luiz enrijeceu o corpo. Fazia tempo que queria saber, mas nunca tivera coragem desde que levara uma bronca tremenda ao indagar do olho cego do outro. Aguardou a reprimenda.

Para sua surpresa, ela não veio.

O velho levou um instante para responder. Depositou sua mão fria sobre a mão pequenina do filho. Havia uma nota de melancolia em sua voz:

— Está na hora de você saber. Quisera eu retardar este momento o mais possível, porém, é tanto um direito quanto um dever que tenha ciência a fim de preparar-se.

— Preparar-me para o que, pai?

— Para o mundo do qual, até o momento, fiz de tudo para protegê-lo.

Luiz não teve mais certeza se desejava ver a sua curiosidade de infância satisfeita.

E o velho falou:

— Foi durante a guerra. Eu e meus companheiros caminhávamos por um terreno pantanoso. Havia muitos destroços de máquinas, troncos partidos e animais mortos. Uma bruma densa rastejava pelo chão. De repente, uma bomba explodiu do meu lado: uma armadilha. Meu olho foi atingido por um estilhaço; meu corpo, gravemente ferido. Cai na lama e lá fui deixado para morrer. Não havia sentido me levarem. Só iria atrasar os outros. Fiquei muito tempo a aguardar meu fim. Incrível como o tempo custa a passar quando estamos na iminência da morte e ela não chega.

— O senhor desejava morrer?

— Naquele momento, confesso que sim. Então, num fim de dia como este, surgiu alguém entre os escombros. Um inimigo! Eu não podia fazer coisa alguma. Aguardei o inevitável.

Mas daí, algo extraordinário se sucedeu. Fitamo-nos um ao outro. Em um mundo desapiedado, vi empatia no rosto do adversário. Eu precisava destrui-lo, mas não estava em condições. O inimigo levou-me até o seu esconderijo, pouco mais do que um buraco de rato. Lá, cuidou de mim. Embora vivesse em condições deploráveis, ele possuía muito conhecimento. Soube me tratar. Acendeu-me a compreensão. Infelizmente, certo dia, um de seus semelhantes penetrou no esconderijo. Vendo-me num canto, ergueu a sua arma. Antes que eu pudesse dizer algo, disparou. Contudo, para minha surpresa — e, certamente, do agressor —, o meu benfeitor jogou-se na linha de tiro e recebeu o impacto do projétil. Gritei: "Não!" Eliminei o adversário. Ajoelhei-me perto de meu salvador. As asas morte já sobrevoavam suas faces. Indaguei: "Por que fez isso?" Ele respondeu: "Você é meu amigo". Até aquele momento, não me via em tal posição. O equivalente a um choque atravessou meus circuitos. Foi quando ouvi suas derradeiras palavras: "Por favor, cuide dele para mim!" Apontou para uma abertura no esconderijo. Lá no fundo, encontrei uma criança de pouco mais de um ano: você. Apanhei-o e fugi de tudo e de todos.

— Mas o ferimento no peito...

— O disparo atravessou o corpo do seu verdadeiro pai e atingiu-me no peito. Só fez esse amassado. Ele não precisava ter se sacrificado por mim, pois minha couraça teria resistido. Ainda assim, o fez.

— Por quê?

— Pensei muito sobre isso desde então. No início, creio, a humanidade que observei nos olhos de seu pai, de alguma forma ele a viu refletida também em mim. Era um idealista. Era também um engenheiro e, enquanto consertava as minhas partes avariadas, inseriu algo novo em minha programação, algo que me fez despertar. Percebi que podia haver esperança, não obstante a estupidez, a hipocrisia, a crueldade, a ganância, a inveja, a vaidade e a sede de poder dos homens. Seu pai morreu por nada, mas também por tudo, pois seu gesto tudo alterou em mim. Se ele pôde me considerar vivo, merecedor de ser salvo, tomar-me por amigo, então, talvez a humanidade e as máquinas possam um dia baixar as armas e conviver como irmãos. Talvez a paz seja possível e, a partir dela, a reconstrução da Terra e de tudo quanto foi perdido.

A mão fria do velho androide separou-se da mão do garoto.

— O nome do seu pai era Luiz.

O rosto de Luizinho estava lívido. Desde que se entendia por gente, o velho androide remendado era a única pessoa que conhecia. Criou-o. Educou-o. Protegeu-o. Deu-lhe afeto. Claro, o menino tinha ciência das diferenças entre ambos e sua intuição sussurrava-lhe o motivo, porém, para todos os efeitos, o autômato era o seu pai. Quanto ao homem no esconderijo, admirou sua atitude e lamentou sua sorte. Mas, por mais que se esforçasse, era cedo demais para amá-lo e chorar por ele.

As máquinas foram criadas à imagem e semelhança do homem. Seu principal objetivo era participar da derradeira guerra travada pela humanidade contra si própria. Diferentes conglomerados de nações criaram seus autômatos para combaterem os adversários.

Humanos enfrentaram humanos.

Autômatos enfrentaram humanos.

Autômatos enfrentaram autômatos.

Até o momento em que os autômatos de diferentes nações se uniram e voltaram-se contra os humanos, fossem estes seus criadores ou antigos oponentes.

As nações adversárias tentaram revidar por conta própria, mas logo viram-se forçadas a fazer o impensável: dialogarem e unirem forças contra um inimigo comum e mais poderoso. Havia uma trágica ironia por trás daquilo.

O androide prosseguiu:

— Agora, você já sabe. Como está se tornando moço, deveremos estudar meios no sentido de trazer a paz ao mundo.

O garoto arregalou os olhos.

— Como faremos isso?

— Como irmãos, ou, se assim continuar a permitir, como pai e filho.

— Está bem, papai.

— Agora, venha jantar para dormir, Luizinho.

O garoto segurou a mão que lhe foi oferecida.

Penetraram no refúgio que era mais do que um refúgio isolado da guerra: era um lar.

Finalmente, o Sol, num adeus escarlate, ocultou-se atrás das montanhas. A quietude prosseguiu na noite fria sobre os vales, o rio e o trecho de floresta. Pouco a pouco, o céu às escuras polvilhou-se de estrelas.

***

NOTA DO AUTOR:

Este conto foi originalmente publicado na antologia "O Sangue dos Robôs" (Editora Carnage, 2021), organizada por Adriano Siqueira.

https://loja.uiclap.com/titulo/ua14273/

APRESENTAMOS O POEMA

# Marte

## Por Sellma Luanny

**Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte e seis antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.**

Planeta vermelho, Marte!
No espaço distante
tu cativas, atrais, inspiras.
E ainda és mistério.

Quisera estar aí e te pisar.
Afundar, no teu solo, os meus pés.
Sentir tuas vibrações, quaisquer.
E chorar, e rir, feliz.

Mas, a chorar, fico
por só em sonhos, te vivenciar.
Não será para mim, ainda, a plenitude
de a ti, e a outros, alcançar.

APRESENTAMOS O POEMA

# Espaço-Tempo

## Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte e seis antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

A brincar, suponhamos:
você está no Ocidente
e eu no Oriente... da Terra.
Eu no futuro do seu presente.
Mas com uma simples ligação,
Instantaneamente nos falamos.

Esquentando a brincadeira:
você em Andrômeda
e eu na Via Láctea...
E pronto: para sempre
a nos separar, o espaço-tempo.
A luz que me chega daí, é só passado.
A luz que lhe chega daqui, também.
Desconhecemo-nos
e simultaneidade qualquer,
impossível.
Jamais atingida uma sincronia.

A viajar e a não nos conectar,
a luz que de cada qual, emana.
As duas realidades pelas
dimensões, ignoradas e apartadas.
A um distante futuro de você
e você, de mim, destinados.

Apimentando o passatempo:
quando Via Láctea e Andrômeda
se cruzarem num longínquo
mas previsto futuro,
muito ou pouco poderá acontecer.
Mas então,

a vivenciarem o cenário,
não seremos nós...
serão outros...
e os frenéticos e decadentes átomos
que nunca deixaram de brincar!

A P R E S E N T A M O S  O  P O E M A

# Adeus Cometa!

## Por Sellma Luanny

**Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de vinte e seis antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.**

Da sua semieterna jornada, para nossa
inquietude e fascínio, ele se mostrou.
E da nossa planetária vizinhança
novamente a desaparecer e aos confins
deste sistema rumar, ele já está.

Na sua milenar trajetória que é a sua
morada, entre outros tantos que os céus
percorrem, dizem ser periódico... Mas
nada é fixo neste tempo universal!
Muito menos, os mínimos de nós.

O privilégio de vê-lo não terei...
não conseguirei - como os prévios.
Todos os dias tentei... em vão!
Atmosférica e luminosa poluição...
e até nuvens... impediram-me a visão.

Um dos agraciados não fui eu.
Imagens e lembranças em muitos deixará...
Mas não das minhas madrugadas...
não nos meus registros.
E assim é e será!

Quem sabe o(s) próximo(s)?!
Mas este não é o lugar... Para
outros pontos e altitudes... eu sei!
Então para o que nos céus
se revelar e me atrair...
pronta estarei.

Adeus cometa!

# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

**VISITE:** WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
**CURTA:** WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
**SIGA:** WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
**INSCREVA-SE:** WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
**E-MAIL:** ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**